

As Origens da Grande Tribulação

C. Naaktgeboren,*

Compilado em 2022-04-23 às 04:48:44h (UTC) - Revisão 0

Resumo

Aqui vai o resumo.

Licença



<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Conteúdo

1	Introdução	2
2	A Tribulação Pelas Escrituras	6
2.1	A Tribulação na Lei	6
2.2	A Tribulação nos Escritos	6
2.3	A Tribulação nos Profetas	6
3	Conclusão	6

*C. Naaktgeboren <bibliashare@gmail.com>

1 Introdução

Este estudo aborda o assunto do “tempo de angústia para Jacó,” profetizado **pelos profetas Jeremias e Daniel, e referido em profecia dada pelo Senhor Jesus** como o período de “grande tribulação,” passagens das Escrituras que lêem, em ordem cronológica¹:

“Ah! Que grande é aquele dia, e não há outro semelhante! É tempo de angústia para Jacó; ele, porém, será livre dela.” — Jr 30.7 (ARA) [1]

“e haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo;”
— Dn 12.1 (ARA) [1]

“porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais.”
— Mt 24.21 (ARA) [1]

Em particular, o tópico é abordado em sua *suposta* relação com a igreja, na questão de se a igreja passa ou não por tal período; e, se passa; em qual fração de sua duração. Algumas das linhas de interpretação profética existentes e que diferem nesta questão, podem ser arranjadas em ordem crescente de *suposta* participação da igreja, desde: nenhuma participação, no caso do pré-tribulacionismo; participação até a metade, no caso do meso-tribulacionismo; até participação completa, no caso do pós-tribulacionismo; entre outras. As designações ‘pré-’, ‘meso-’ e ‘pós-’ — as quais traduzem-

¹ Uma vez que Jeremias é citado por Daniel, conforme Dn 9.2, e que Daniel é citado pelo Senhor Jesus, conforme Mt 24.15, a ordem cronológica é: Jeremias – Daniel – Senhor Jesus.

se por ‘antes’, ‘intermediário’ e ‘após’ — referem-se ao posicionamento temporal do *arrebatamento da igreja* em relação ao tempo da *grande tribulação* — sendo o arrebatamento o evento profético que retira a igreja deste mundo para que esta esteja “**para sempre com o Senhor**” 1Ts 4.17 (ARA) [1].

Não obstante as Escrituras exortarem a que a igreja tenha um só pensamento, para a completa alegria: “**completai a minha alegria, de modo que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento.**” Fp 2.2 (ARA) [1]; vemos, em nosso meio, defensores de cada uma das visões elencadas, cada qual com seu rol de textos e estratégias de interpretação.

Tal estado de coisas é lamentável por múltiplas razões, incluindo: (i) não se cumpre a exortação de Fp 2.2, para cujo caso reserva-se a esperança do verso 3.15 da mesma Epístola: “**todos os que somos aperfeiçoados tenhamos esse mesmo modo de pensar; e, se em alguma coisa pensais de outro modo, Deus também vos revelará isso.**” Fp 3.15 (A21) [2]; e (ii) corre-se o risco imediato de transmitir, voluntariamente ou não, a mensagem de que a Bíblia não seria coesa, ou pior, que conteria contradições. Porém o texto citado de Fp 3.15 responde, de imediato, à tais fontes de lamento, atribuindo o pensar igual não apenas ao “ser aperfeiçoado,” mas eminentemente ao *receber revelação de Deus*; e assim, identificando a fonte do problema no interpretar textos não segundo Deus; e não nas Escrituras propriamente ditas!

Além disso, a necessidade de revelação *divina* em Fp 3.15, mostra que unidade de pensamento na igreja jamais será alcançado enquanto os demais tiverem que pensar ‘como eu’ — do ponto de vista de alguém; mas sim quando todos pensarem *segundo Deus* — haja vista que sua *inspiração Divina* e *inerrância* são axiomáticas!

A busca por uma interpretação de profecia *segundo Deus* certamente nos convida a analisar cada verso, cada sentença, cada expressão *à luz das Escrituras*, assim como manter em consideração aspectos do próprio *caráter de Deus*. A interpretação de pro-

fecias passa a ser um *projeto de caminhada e vida com Deus, sempre à luz da Sua Palavra*, afinal o Espírito Santo afirma, pelo salmista: “Compreendo mais do que todos os meus mestres, porque medito nos teus testemunhos.” Sl 119.99 (ARA) [1], indicando que a meditação na Palavra, e, por extensão, a interpretação da Palavra pela Palavra leva nossa compreensão mais além daquilo que alcançam mestres formados por expedientes humanos, incluindo eminentemente a escolaridade acadêmica.

Temos exemplos disso no próprio Verbo encarnado:

“Terminados os dias da festa, ao regressarem, permaneceu o menino Jesus em Jerusalém, sem que seus pais o soubessem. [...] Três dias depois, o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os. E todos os que o ouviam muito se admiravam da sua inteligência e das suas respostas. [...] E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens.” — Lc 2.43,46,47,52 (ARA) [1]

O texto evidencia a sabedoria e graça vindas do alto, operando na vida do *menino Jesus*, com absoluta superioridade em relação ao expediente humano da escolaridade, porquanto o menino de doze anos ouvia e interrogava doutores (da Lei), os quais “muito se admiravam da sua inteligência e das suas respostas.”

Ainda mais:

“Chegando o sábado, passou a ensinar na sinagoga; e muitos, ouvindo-o, se maravilhavam, dizendo: Donde vêm a este estas coisas? Que sabedoria é esta que lhe foi dada? E como se fazem tais maravilhas por suas mãos? Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E não vivem aqui entre nós suas irmãs? E escandalizavam-se nele.” — Mc 6.2,3 (ARA) [1]

A falta de notoriedade imbutida nas palavras “o carpinteiro,” filho de conhecidos e cujas irmãs vivem entre nós é patente, assim como a reação natural: “escandalizavam-se nele.”

E ainda, com relação aos Apóstolos:

“Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens iletrados e incultos, admiraram-se; e reconheceram que haviam eles estado com Jesus.” — At 4.13 (ARA) [1]

Nesta última citação, a falta de preparo acadêmico é especialmente ressaltada nos termos “iletrados e incultos,” ao passo que o convívio com a Palavra (encarnada) foi deduzido logo na sequência: “reconheceram que haviam eles estado com Jesus.”

Este estudo objetiva estudar a “grande tribulação” *segundo Deus*, isto é, à luz das Escrituras, visando *descobrir o que é ensinado nas Escrituras sobre o assunto*, não desejando uma validação de uma pré-determinada visão de mundo, porém deixando a Escritura (Deus) falar e colhendo os resultados da desejada coesão (e correção!) doutrinária.

2 A Tribulação Pelas Escrituras

Parágrafo.

2.1 A Tribulação na Lei

Parágrafo.

2.2 A Tribulação nos Escritos

Parágrafo.

2.3 A Tribulação nos Profetas

Parágrafo.

3 Conclusão

Conclusão.

Conflito de Interesses

O autor declara não haver conflito de interesse associado a este trabalho.

Agradecimentos

O autor não recebeu nenhum pagamento e/ou fomento específico na elaboração deste trabalho, sejam provenientes de setor público, privado ou sem fins lucrativos.

A YHWH Deus Pai, Filho e Espírito, seja a glória!

Referências

- [1] *A Bíblia Sagrada*. Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, SP, Brasil, traduzida em português por João Ferreira de Almeida. revista e atualizada, 2^a ed. (ARA) edition, 1993.
- [2] Daniel de Oliveira, editor. *Bíblia Sagrada Almeida Século 21: Antigo e Novo Testamento*. Vida Nova, São Paulo, SP, Brasil, 2^a edição revista e atualizada conforme o novo acordo ortográfico (A21) edition, 2010.